

## A PRODUÇÃO DE ÂNFORAS DE TIPO LUSITANA 2 DOS FORNOS DAS OLARIAS (PINHEIRO, ALCÁCER DO SAL)

A. M. DIAS DIOGO\*

Em território português são já conhecidas quatro áreas geográficas produtoras de ânforas romanas: os cursos inferiores dos rios Tejo e Sado, e as costas marítimas do Alentejo e do Algarve, acompanhando a distribuição das fábricas de transformação do pescado (Diogo, 1987).

Excepto no que respeita a algumas das produções algarvias (Diogo, 1990), os fabricos das várias áreas assemelham-se, com pastas, formas e cronologias muito próximas. De um modo genérico, as pastas são arenosas, quartzíticas e micáceas, de textura folheada e tonalidade variando entre o alaranjado e o bege. As superfícies são ásperas, alisadas com um trapo ou a pincel, por vezes revestidas de um engobe acastanhado.

Graças à descoberta de um forno em Alcácer do Sal, que temos vindo a escavar<sup>(1)</sup>, sabemos já que, no curso inferior do Sado foram produzidas ânforas ibero-púnicas, de tipo Mañá A 4. Estas ânforas são características da área de influência gaditana, e comprovam a existência de conservação do pescado e sua comercialização externa para o período pré-romano. O início da transformação piscícola em território actualmente português tem vindo a ser tradicionalmente datado da segunda metade do século I, acompanhando a chamada introdução das ânforas de tipo Dr. 14. No entanto, para além de ser necessário fazer recuar a data do início da produção das Dr. 14 lusitanas, a que chamámos Lusitana 2, para a primeira metade do século I, publicámos já um tipo mais antigo, tardo-republicano, também de produção sadina, as Lusitana 1, cuja forma íbrida provém das Mañá A 4 e é protótipo das Lusitana 2 (Diogo, 1987, Diogo e Reiner, 1987, Diogo e Alves, 1988/89).

O material já publicado dos fornos do Vale do Tejo: Garrocheira (Amaro, 1990), Quinta do Rouxinol (Duarte, 1990) e Porto dos Cacos (Raposo, 1990), é de datação mais recente. Não foram ainda encontrados

---

\* Universidade Nova de Lisboa

exemplares dos tipos mais antigos e, no que diz respeito a Lusitana 2, estão ausentes as variantes precoces, de bordo triangular com ressalto e bico fundeiro troncocónico, muito oco. A produção conhecida do Vale do Tejo é datável de a partir dos meados do século I, com as L. 2 a apresentarem a variante de bordo espessado e perolado. Muito provavelmente, os fornos já conhecidos do Vale do Tejo não serão representativos da totalidade da produção, sendo possível que tipos e variantes mais antigas venham a ser descobertas. De qualquer modo, o actual panorama aponta para um grande desenvolvimento produtivo a partir dos meados do século I, que temos vindo a observar nos próprios fornos do Vale do Sado, e no incremento da construção de fábricas de processamento do pescado (Diogo, Laura e Silva, em publicação).

Nos estudos que temos vindo a elaborar, referentes aos nossos trabalhos no Vale do Sado, periodizámos a produção romana em duas fases distintas: a primeira terá atingido um maior índice de produção na segunda metade do século I e durado até meados do século II. Nesta altura, ter-se-á iniciado a segunda fase, caracterizada pelas alterações dos tipos das ânforas e modificações nos centros transformadores e no processo de comercialização. Excepto no que respeita a algumas características produções algarvias, não há indícios de terem sido empregues marcas estampadas de oleiro nas ânforas desta última fase, o que poderá corresponder a um fabrico mais anónimo, ligado a sociedades produtoras. Pelo contrário, essas marcas são relativamente comuns na primeira fase sadina e as marcas encontradas nos mesmos centros oleiros apontam para uma estrutura familiar de produção, com a aparente manutenção dos gentílicos (Diogo e Faria, 1989).

Os fornos romanos das Olarias encontram-se na margem direita do rio Sado, na herdade do Pinheiro. Foram descobertos por técnicos dos Serviços Geológicos de Portugal, no decorrer dos levantamentos para a Carta Geológica, de escala 1:50.000 (Almeida, Zbyszewski e Ferreira, 1971).

O material que agora estudamos encontra-se depositado no Museu Municipal de Alcácer do Sal, sendo proveniente de recolhas superficiais efectuadas pelos descobridores dos fornos e por técnicos do Museu do Mar de Cascais. Estes fornos laboraram essencialmente durante a segunda fase de produção sadina, tendo fabricado cerâmica comum (Diogo, 1993) e todos os tipos de ânforas referentes a esta fase (Faria, Ferreira e Diogo, em publicação). No que se refere à primeira fase, e tendo em conta a



amostragem aleatória com que trabalhámos, apenas aparenta ter produzido ânforas de tipo Lusitana 2.

O catálogo agora publicado é representativo de 33 fragmentos de Lusitana 2 que conservam parte significativa do bordo. Dada a forma como o material foi colectado, o presente conjunto deve apenas ser tomado como evidência para as variantes fabricadas nestes fornos, e não como a sua amostragem percentual. Todos os fragmentos apresentam esmagamento do bordo e incorporação de areias, provocados pela posição de secagem, com a ânfora assente sobre o bordo.

Não foram encontrados bordos precoces de Lusitana 2; a grande maioria pertence a variantes tardias, de bordo espessado e perolado (30 exemplares, 90,9%). Apenas três exemplares, correspondendo a 9,1%, têm o lábio triangular e extrovertido (n.ºs 1, 22 e 33). A evidência dos fabricos aponta para um início de laboração tardio dos fornos das Olarias, de cerca de meados do século I, correspondendo ao período de expansão da transformação piscícola.

A descoberta do complexo de fornos das Olarias (Pinheiro), deveu-se à retirada de areias para a construção do canal de rega da margem direita do Sado (Almeida *et alii*, 1971, p. 155). Nessa altura foi possível encontrar três fornos de planta circular: o primeiro a ser descrito pelos autores da notícia da descoberta da estação era mais pequeno e já não conservava vestígios dos arcos da suspensura da *fornax*. Os outros dois encontravam-se geminados e a sua conservação era total até ao nível da grelha. As fornhalhas tinham sido escavadas no terreno natural, os *atria* que lhes permitiam o acesso eram murados com pedras calcáreas. Em ambos os casos a *fornax* e o seu *praefurnium* eram construídos com *lateres*, sendo a grelha suportada por quatro arcos. Ilustrando o seu artigo, os AA. publicaram ainda fotografias de cerâmica comum vária e de ânforas de tipo L.2, L.4 e L.8 (Almeida *et alii*, 1971, ests. V a VII), infelizmente não lhes foi possível relacionar os diferentes tipos de achados cerâmicos com os fornos.

No actual estado do nosso conhecimento, as Olarias aparecem-nos como o mais importante conjunto oleiro do vale do Sado, com uma produção extremamente diversificada e intimamente dependente da periodização económica do complexo industrial piscícola de Tróia.

**Quadro A. Valores dos atributos do bordo.**

N.º	Espessura	Altura	Diâmetro
1	26	37	179
2	31	37	178
3	22	26	178
4	29	29	200
5	26	31	190
6	24	34	176
7	27	41	194
8	27	33	210
9	26	40	200
10	25	34	230
11	26	28	200
12	27	35	176
13	30	30	200
14	27	40	190
15	25	33	178
16	30	30	194
17	24	34	180
18	28	34	190
19	24	34	174
20	26	36	190
21	26	36	198
22	24	37	168
23	26	25	180
24	24	35	180
25	27	41	180
26	24	34	180
27	27	37	180
28	37	26	200
29	31	40	200
30	25	30	190
31	21	23	189
32	25	52	174
33	26	29	170

Nota 1 — A descoberta do forno e os resultados da sua primeira campanha de escavação foram já tornados públicos por A. M. Dias Diogo, João C. L. Faria, Lúdia Fernandes e Marisol A. Ferreira, nas “IV Jornadas Arqueológicas”, Lisboa, Maio de 1990.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fernando, ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da Veiga, 1971, *Descoberta de fornos lusitano-romanos na região da Marateca (Setúbal)*, "O Arqueólogo Português", Sér. III, Vol. V, pp. 155-165.
- AMARO, Clementino, 1990, *Olaria romana da Garrocheira, Benavente*, "As ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio", Conimbriga, pp. 97-115.
- DIOGO, A. M. Dias, 1987, *Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano*, "O Arqueólogo Português", Ser. IV, Vol. V, pp. 179-191.
- DIOGO, A. M. Dias, *Elementos para a caracterização das ânforas lusitanas. Fabricos algarvios*, comunicação apresentada no "II Colóquio Arqueológico de Viseu" ("Actas" em publicação).
- DIOGO, A. M. Dias, 1993, *Cerâmica comum romana dos fornos do Sado (Olarias e Vale da Cepa)*, "Homenagem ao Prof. Doutor Santos Júnior", Vol. II, Lisboa, p. 145-150.
- DIOGO, A. M. Dias, e ALVES, Francisco, 1988/89. *Ânforas provenientes do meio fluvial*, "O Arqueólogo Português", Sér. IV, Vol. VI, p. 227-240.
- DIOGO, A. M. Dias e FARIA, João C., 1989, *Trabalho e produção no Sado durante a época romana*, "Movimento Cultural", 6, pp. 81-92.
- DIOGO, A. M. Dias e REINER, Francisco, 1987, *Duas notícias sobre fornos romanos de fabrico de ânforas*, "Conimbriga", 26, pp. 113-124.
- DIOGO, A. M. Dias, TRINDADE, Laura e SILVA, Rodrigo Banha da, *Alguns elementos sobre Tróia de Setúbal*, "Conimbriga" (em publicação).
- DUARTE, Ana Luísa C., 1990, *Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no Vale do Tejo*, "As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio", Conimbriga, pp. 97-115.
- FARIA, João C., FERREIRA, Marisol A. e DIOGO, A. M. Dias, *Materiais dos fornos romanos das Olarias (Pinheiro), no Museu Municipal de Alcácer do Sal*, "Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana", 2.<sup>a</sup> Sér. (em publicação).



RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro, 1990, *Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no Vale do Tejo*, "As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio", Conimbriga, pp. 117-151.